



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE DESIGN-MODA**

MARILLYA DAYSE DE FREITAS DAMASCENO

**DO ARTESANATO AO PAETÊ - A ESPETACULARIZAÇÃO DOS FIGURINOS DE
QUADRILHA JUNINA: O CASO DA JUNINA BABAÇU**

FORTALEZA

2017

MARILLYA DAYSE DE FREITAS DAMASCENO

**DO ARTESANATO AO PAETE - A ESPETACULARIZAÇÃO DOS FIGURINOS DE
QUADRILHA JUNINA: O CASO DA JUNINA BABAÇU**

Monografia apresentada no curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Design-Moda.

Área de concentração: Artesanato e Cultura

Orientador: Profa. Dra. Dijane Maria Rocha Vítor

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D162a Damasceno, Marillya Dayse de Freitas.
Do artesanato ao paetê - a espetacularização dos figurinos de quadrilha junina : o caso da Junina Babaçu / Marillya Dayse de Freitas Damasceno. – 2017.
64 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2017.
Orientação: Profa. Dra. Dijane Maria Rocha Victor.

1. Artesanato. 2. Figurino. 3. Cultura. I. Título.

CDD 391

MARILLYA DAYSE DE FREITAS DAMASCENO

**DO ARTESANATO AO PAETE - A ESPETACULARIZAÇÃO DOS FIGURINOS DE
QUADRILHA JUNINA: O CASO DA JUNINA BABAÇU**

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Dijane Maria Rocha Víctor (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. MSc. Walkiria Guedes de Sousa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTO

A Professora Dr^a. Dijane Maria Rocha Víctor pela excelente orientação e por asseverar a eficiência desse trabalho.

As professoras participantes da banca examinadora Francisca Mendes e Walkiria Guedes, pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Á minha mãe, Rosi Farias, por ser a principal inspiração desse projeto. A Neide Sena, minha mãe-vó, por sempre me instigar a buscar os meus sonhos.

Ao meu parceiro de vida Victor Gerard, que acompanha minha trajetória há tantos anos e torce pelo meu sucesso de qualquer lugar do mundo.

Aos personagens entrevistados, Iremilson Rocha - figurista da Quadrilha Junina Babaçu e Tácio Monteiro - Presidente, pelo espaço, tempo e disponibilidade concedidos nas entrevistas.

“[...] do mesmo modo que uma pessoa pode ter a sua identidade definida pela posse de determinados bens, uma “nação” define-se a partir da posse de seus bens culturais” (Gonçalves, 2007, p. 122).

RESUMO

Esse estudo objetiva identificar os elementos culturais no Figurino 2016 da Quadrilha Babaçu, frente à industrialização aplicada nos festejos juninos atuais, tendo o artesanato como a representação cultural. Discorreu-se sobre o elo existente entre o figurino, festivais juninos e a moda como ferramentas expressivas para a comunicação e representação de imagens no âmbito da representatividade cultural dos ciclos juninos, afim de investigar se o artesanato ainda está inserido na confecção do figurino e qual a influência da indústria cultural da moda em meio ao processo de criação dos figurinos. Foi estabelecida uma análise discursiva da leitura dos figurinos utilizados na apresentação “*Boi babaçu, o boi do Brasil*”, nos quais foram substituídas as tradicionais roupas simples e remendadas por trajes, adereços e caracterizações luxuosas, com a finalidade de analisar se as mensagens visuais construídas por essa estética junina integram e preservam os elementos de culturalidade.

Palavras-chave: Festivais Juninos. Figurino. Quadrilha Babaçu.

ABSTRACT

This study aims to identify the cultural elements in the 2016 Figurine of the Babaçu Quadrille, as opposed to applied industrialization in the current June festivals, with handicraft as the cultural representation. The link between costume, June festivals and fashion as expressive tools for the communication and representation of images within the scope of the cultural representativity of the June cycles was investigated, in order to investigate if the craftsmanship is still inserted in the confection of the costumes and what The influence of the cultural industry of fashion in the process of creating the costumes. A discursive analysis of the reading of the costumes used in the presentation "*Boi babaçu, o boi do Brasil*" was established, in which the traditional clothes were replaced simple and mended by costumes, props and luxurious characterizations, in order to investigate if the visual messages constructed by this Aesthetics integrate and preserve the elements of culturality.

Keywords: Juninos Festivals. Costume. Quadrilha Babaçu.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - APRESENTAÇÃO DA QUADRILHA TRADICIONAL “ZÉ TESTINHA” NO ANO DE 2015.....	25
FIGURA 2 - APRESENTAÇÃO DA QUADRILHA ESTILIZADA “JUNINA BABAÇU” EM 2016.....	26
FIGURA 3 - REGULAMENTO OFICIAL DO FESTIVAL DE QUADRILHAS PROMOVIDO PELA REDE GLOBO.....	30
FIGURA 4 - CROQUIS DO FIGURINO “BOI BABAÇU, O BOI DO BRASIL”	32
FIGURA 5 - FLUXO DO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO FIGURINO DA JUNINA BABAÇU.....	32
FIGURA 6 - PARTES DA ROUPA DA RAINHA DA JUNINA BABAÇU NO ANO DE 2016.....	33
FIGURA 7 - PROVA DE PEÇA PILOTO.....	34
FIGURA 8 - CROQUI DO VESTIDO DA NOIVA DO ESPETÁCULO “BOI BABAÇU, O BOI DO BRASIL”	36
FIGURA 9 - FIGURINO DA NOIVA NO ESPETÁCULO “BOI BABAÇU, O BOI DO BRASIL”	37
FIGURA 10 - FIGURINO DO CASAL DE NOIVOS DA QUADRILHA JUNINA BABAÇU NO ESPETÁCULO “BOI BABAÇU, O BOI DO BRASIL”	38
FIGURA 11 - CASAL REAL USANDO A 2ª COMPOSIÇÃO DE FIGURINO NO ESPETÁCULO “BOI BABAÇU, O BOI DO BRASIL”	39
FIGURA 12 - 1º FIGURINO DA RAINHA USADO NO ESPETÁCULO “BOI BABAÇU, O BOI DO BRASIL”	40
FIGURA 13 - 1º FIGURINO DA RAINHA USADO NO ESPETÁCULO “BOI BABAÇU, O BOI DO BRASIL”	41
FIGURA 14 - 2º FIGURINO DA RAINHA USADO NO ESPETÁCULO “BOI BABAÇU, O BOI DO BRASIL”	42
FIGURA 15 - 3º FIGURINO DA RAINHA USADO NO ESPETÁCULO “BOI BABAÇU, O BOI DO BRASIL”	43

FIGURA 16 - DETALHES DOS ACESSÓRIOS E MAQUIAGEM DA RAINHA DO ESPETÁCULO “BOI BABAÇU, O BOI DO BRASIL”	44
FIGURA 17 - 2º FIGURINO DO REI USADO NO ESPETÁCULO “BOI BABAÇU, O BOI DO BRASIL”	45
FIGURA 18 - FIGURINO DO MARCADOR O “AMO DO BOI” DO ESPETÁCULO “BOI BABAÇU, O BOI DO BRASIL”	46
FIGURA 19 - FIGURINO DO VAQUEIRO DO ESPETÁCULO “BOI BABAÇU, O BOI DO BRASIL”	47
FIGURA 20 - DETALHES DO FIGURINO DO VAQUEIRO DO ESPETÁCULO “BOI BABAÇU, O BOI DO BRASIL”	48
FIGURA 21 - 1º FIGURINO DO CASAL DE QUADRILHEIROS DO ESPETÁCULO “BOI BABAÇU, O BOI DO BRASIL”	49
FIGURA 22 - 2º FIGURINO DO CASAL DE QUADRILHEIROS DO ESPETÁCULO “BOI BABAÇU, O BOI DO BRASIL”	50
FIGURA 23 - MESTRE ZÉ PIO AO LADO DO BOI DE MIOLO, CONSTRUÍDO POR ELE PARA O ESPETÁCULO “BOI BABAÇU, O BOI DO BRASIL”	51
FIGURA 24 - FIGURINOS JUNINOS NO AMBIENTE ESCOLAR NO ANO DE 1987	53
FIGURA 25 - FIGURINO DO CASAL DE QUADRILHEIROS DA JUNINA BABAÇU EM 1997	54
FIGURA 26 - FIGURINO DE RAINHA DA JUNINA BABAÇU EM 2016	55
FIGURA 27 - FIGURINOS DOS NOIVOS, MARCADOR, RAINHA E VAQUEIRO, RESPECTIVAMENTE, NO ESPETÁCULO “BOI BABAÇU, O BOI DO BRASIL” EM 2016	56
FIGURA 28 - COMPOSIÇÃO CENOGRÁFICA JUNINA BABAÇU 2016	57
FIGURA 29 - COMPOSIÇÃO CENOGRÁFICA JUNINA BABAÇU 2016	57
FIGURA 30 - COMPOSIÇÃO CENOGRÁFICA JUNINA BABAÇU 2016	58

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
2.	METODOLOGIA.....	14
2.1	Tipo de Pesquisa.....	14
2.2	Área de Abrangência	14
2.3	Coleta de Dados.....	15
2.4	Categorias Analíticas.....	15
2.5	Tratamento dos Dados	18
3.	AS FESTAS JUNINAS, FIGURINO, CULTURA E ARTESANATO	18
	3.1 As festas Juninas e suas raízes culturais.....	18
	3.2 A importância do figurino na representação do enredo junino.....	21
	3.3 O artesanato como alternativa de manutenção cultural.....	27
4.	A QUADRILHA BABAÇU.....	29
4.1	Figurino do ano de 2016 - processos criativo e personagens.....	31
5.	REFLEXÕES SOBRE A INDUSTRIALIZAÇÃO DOS FIGURINOS JUNINOS EM DETRIMENTO A TRADIÇÕES CULTURAIS DOS FESTEJOS.....	51
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
	REFERÊNCIAS.....	61

1. INTRODUÇÃO

No mês de junho é celebrada uma das festas mais tradicionais do calendário católico popular, em todo o Brasil – O São João. Com mais exaltação na região Nordeste aonde as festividades do ciclo junino fazem homenagens aos três santos consagrados no período: Santo Antônio - dia 13, São João Batista - dia 24 e São Pedro - dia 29.

Castro (2012), afirma que o São João é a maior festa representativa da cultura nordestina e como tal une todas as manifestações e tradições da região Nordeste. No entanto, Gomes (2011), destaca as festas juninas como espetacularizadas, pois acompanham os avanços e exigências da pós-modernidade, incorporando novas dinâmicas e novos símbolos, que vão se fazendo presentes nos festivais juninos e dando a eles um toque de modernidade junto com elementos culturais que aparecem como símbolos das tradições.

A intensa produção de significados, advindos das manifestações culturais de entretenimento, geram efeitos concretos que permitem uma delimitação de espaço e também o reconhecimento de uma identidade, frente os efeitos sociais provocados em determinados contextos, superando assim as limitações de abordagem meramente folcloristas a respeito do objeto inicial desta pesquisa.

Destacando sua importância como prática cultural arraigada no imaginário coletivo na região nordeste do Brasil, Castro (2012, p.25) reforça que as festas juninas inegavelmente se constituem em manifestações que expressam a diversidade do patrimônio cultural brasileiro para a rememoração cultural. Dentre as múltiplas manifestações tradicionais de cultura, durante os festejos, as quadrilhas juninas em particular, foram escolhidas como objeto de estudo dessa monografia por se configurar como a manifestação mais representativa do São João e por ter em si características peculiares como: modalidade tradicional de entretenimento - seja nas pequenas cidades do interior junto às quermesses¹ da igreja, seja nos grandes espetáculos que se estende por toda região nordestina; a conservação de sua feição e estilo inconfundíveis, apesar das influências de macrofatores midiáticos e modernos e os elementos que compõe seu espetáculo

¹ O termo "quermesse" é derivado da palavra *kerkmesse* (kerk=igreja; messe=feira: "feira de igreja"), da língua flamenga, que em francês passou a ser *kermesse*, do qual se originou o termo em português. Sua origem está ligada à religião católica. Era a festa do santo padroeiro da paróquia ou aniversário da igreja.

que permutam entre o vestido de chita até produtos da indústria cultural, e que apesar da forma de espetáculos urbanos, procuram sempre manter as matrizes e os vínculos estabelecidos com sua respectiva cultura.

O objetivo dessa pesquisa foi identificar os elementos culturais no Figurino 2016 da Quadrilha Babaçu, frente à industrialização aplicada nos festejos juninos atuais, tendo o artesanato como a representação cultural. Considerando que, tanto a cultura como o artesanato são produções humanas passíveis de evolução, pois se trata de adaptá-los aos novos cenários e às novas demandas (OLIVEIRA, 2015). Nesse ínterim foi necessário pesquisar sobre o artesanato - que se apresenta como elemento símbolo das tradições, e sua relação com as festa juninas; identificar como a indumentária é apresentada nos temas de enredo, sua relação com a moda da época da produção do enredo e investigar se os elementos de composição do figurino ainda apropriam-se do artesanato como viés de manutenção cultural.

De acordo com Magnani (1998), a assimilação das transformações é fundamental na compreensão dos processos ocorridos ao longo do tempo, pois a cultura mais, que a soma de produtos, é o processo de sua constante recriação, num espaço socialmente determinado. Nesse contexto, a agremiação Junina Babaçu foi se adequando e modificando os seus figurinos ao longo de sua história. Dai nasceu à motivação de querer saber se a Babaçu conseguiu manter no figurino de 2016 características e elementos do artesanato como signo da representação cultural.

A relevância dessa pesquisa se constitui não só pela carência de estudos sistematizados de cunho acadêmico que contemplem a leitura das festas juninas a partir da dimensão espacial, levando-se em conta especificidades culturais da quadrilha a ser pesquisada e também pelos documentos e imagens aqui descritos a respeito do figurino como elemento da cultura junina.

A pesquisa seguiu procedimentos metodológicos tendo como abordagem teórica, a análise qualitativa, a partir de resultados advindos da própria investigação do meu objeto, do estudo bibliográfico e da entrevista aplicada ao Irê Rocha, figurinista da Babaçu e ao Senhor Tasso Monteiro, fundador presidente da agremiação.

O trabalho está estruturado em cinco capítulos. No primeiro, apresenta-se uma breve introdução e uma justificativa pelo interesse na pesquisa. No segundo, apresenta-se a metodologia que conduziu toda a pesquisa. No terceiro, apresenta-se uma contextualização a respeito das festas juninas e suas raízes culturais, e sobre o artesanato como ícone de manutenção cultural. No quarto capítulo, apresenta-se a Quadrilha Babaçu, sua origem, a representação cultural e o figurino usado no ano de 2016, com o qual ela participou de dezesseis festivais, incluindo o Festival Globo Nordeste – de nível nacional, e foi classificada em primeiro lugar, em todos. No quinto capítulo, apresenta-se uma reflexão sobre a industrialização dos figurinos juninos em detrimento as tradições culturais dos festejos, e no sexto, apresenta-se as considerações sobre os resultados e sobre a própria pesquisa, como objeto inacabado.

2. METODOLOGIA

Para os procedimentos metodológicos destaca-se, a partir da sistematização bibliográfica, uma entrevista semi-estruturada direcionada ao figurinista da Junina Babaçu, Irê Rocha, também foi explorado seu cotidiano e processo de criação, para entender seu contexto social, bem como investigar se os objetivos do mesmo influencia na concretização da cultura nordestina a partir dos figurinos, razão desta pesquisa. Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 74), a observação é um instrumento de coleta de dados, para reverberar essa afirmação, esta fase de observação direta dos figurinos, foi feita durante as apresentações do grupo e durante uma exposição realizada no shopping Benfica, momento importante para a análise do processo de criação e construção da dinâmica de produção dos grupos juninos.

2.1 Tipo de Pesquisa

A pesquisa é de natureza qualitativa com procedimentos em pesquisa de campo. Com base em Pádua (2004) que defende ser uma pesquisa qualitativa, uma abordagem que trata dos fenômenos e processos sociais, leva em consideração às motivações, as crenças, os valores e as representações sociais que sedimenta a construção da cultura e permeiam a rede de relações sociais. A pesquisa qualitativa desse estudo envolveu a obtenção de informações advindas das entrevistas realizadas. Esses dados foram obtidos em contato direto do pesquisador na situação de entrevistador.

2.2 Área de Abrangência

Para compor a amostra do universo da pesquisa foram selecionados os sujeitos envolvidos mais diretamente com a agremiação Junina Babaçu, no caso, o figurinista e o Presidente. A pesquisa foi constituída com representantes do processo de planejamento e execução da amostra estudada, de acordo com Leite (2008, p.121), a “amostra é qualquer parte de uma população da pesquisa que será realmente investigada”. As amostras exercem funções que viabilizam o funcionamento do evento social e sua prática, segundo Arantes (2001) esta

produção deve focalizar os atores sociais e suas práticas, assim como as configurações espaço temporais produzidas pela vida cotidiana e ritual, valorizando os aspectos dinâmicos da realidade e a história.

2.3 Coleta de Dados

A pesquisa se desenrolou em três estágios, o primeiro envolve a busca e seleção de dados bibliográficos e documentos que abordem o tema em estudo pesquisa em livros, artigos teses, sites e análises das peças de roupa da quadrilha. O segundo estágio constituiu-se como uma pesquisa descritiva e tratamento dos dados coletados para a formulação da entrevista com o figurinista, que foi realizada no terceiro estágio. Após estes pontos utilizou-se a metodologia proposta por Gonçalves (2005, p.122): “Nessa fase da pesquisa, após a coleta e a obtenção dos resultados, o pesquisador inicia a análise, a crítica e a interpretação dos dados”. O contato prévio e a observação direta são considerados instrumentos de pesquisa importantes para o estudo dos bastidores e estabelecimento de um espaço privilegiado dos elementos que configuram a simbologia das quadrilhas juninas, tais como: bandeirinhas, balões, fogueiras, pois constituem parte do imaginário e da concepção que se tem de signos nordestinos responsáveis por identificar o efeito grandioso do enredo junino nos espetáculos. O contato no universo dos espetáculos juninos foi consolidado no mês de junho, funcionou de forma descritiva sobre sua organização e funcionamento das áreas onde acontecem os eventos e os elementos que constituem os espetáculos e sua formação social.

2.4 Categorias Analíticas

As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos muitas vezes sob um título genérico ou agrupamento esses efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (BARDIN, 2009). Segundo Gil (1994), as categorias analíticas facilitam a compreensão de sua pesquisa. As categorias Analíticas dessa pesquisa são: figurino, artesanato e cultura, pois as três palavras completam a tríade do grande objetivo de investigação desta pesquisa. O figurino como principal elemento a ser analisado, o artesanato complementando o que se pretende analisar e a cultura como base teórica de entendimento no que diz respeito a todas as relações socialmente construídas.

2.5 Tratamento dos Dados

O primeiro estágio foi a pesquisa com levantamento bibliográfico, para Gonçalves (2005) a pesquisa bibliográfica “é aquela que é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 1991, p. 48). Foi necessário realizar uma revisão sobre os estudos culturais na modernidade, partindo das teorias de sociólogos e antropólogos que tenham a cultura como objeto de estudo, para a análise de mudanças aparentes nos grupos juninos e se foram condicionadas pela modernidade, para assim entender de que forma o artesanato e a moda interferem no processo de criação dos figurinos.

Conforme Rodrigues (2007), as informações obtidas não podem ser quantificáveis, os dados obtidos são analisados indutivamente, e a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Também foi realizada análise do principal documento de pesquisa que são as peças de figurino da quadrilha junina babaçu, através de fotos, vídeos e análise visual e tátil das peças vestimentares. Segundo Gonçalves (2005) entende-se por documento “qualquer registro que possa ser usado como fonte de informação”, permitindo classifica-los ou não como forma fundamental na constituição das narrativas dos enredos que constituem o entretenimento popular.

No segundo estágio explorou-se a pesquisa de caráter descritivo visando à obtenção dos dados primários. Nesta pesquisa o investigador “observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los” (CERVO, BREVIAN, 1996 apud GONÇALVES, 2005). Foi desenvolvida a pesquisa de campo na agremiação folclórica escolhida, no caso a Quadrilha Junina Babaçu. Acompanhamos a rotina de ensaios dos quadrilheiros, o que nos permitiu observar suas preocupações com a manutenção da cultura nordestina e se a utilização do artesanato para contar as histórias do enredo é importante para eles. Segundo Arantes (2001), esta produção deve focalizar os atores sociais e suas práticas, assim como as configurações espaço-temporal produzidas pela vida cotidiana e ritual, valorizando os aspectos dinâmicos da realidade e a história.

O terceiro estágio será seguido de coleta de dados através de entrevistas que serão realizadas durante os ensaios ocorridos na quadra da escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizada na Avenida Senador Fernandes Távora.

Os entrevistados foram o figurinista, Iremilson Rocha responsável pelo figurino das quadrilhas, e o presidente-fundador da Agremiação Tácio Monteiro, para compreender a importância das interpretações percebidas através do figurino que compõem o figurino da Quadrilha Junina Babaçu no ano de 2016. Essa fase da pesquisa é fundamental, pois é necessário que o pesquisador tenha entendimento sobre os fenômenos que cercam seu objeto e de que forma os participantes interagem com a situação estudada, para embasar e interpretar os resultados de sua análise concretizando a investigação da questão principal que é entender de que forma o artesanato se configura para contribuir na construção das narrativas na quadrilha Junina Babaçu.

3. AS FESTAS JUNINAS, FIGURINO, CULTURA E ARTESANATO

As quadrilhas juninas são os principais agentes de composição das festividades do ciclo junino. Muito significativo e celebrado em regiões do nordeste brasileiro, o ciclo junino é um período do ano entre junho e até meados de julho que possui referências e particularidades em termos de religiosidade, interesse cultural, identidade. Contudo, o ciclo junino não trata apenas do mês de junho, mas sim do ano todo, pois são várias as ações desenvolvidas e vivenciadas até esse processo.

3.1 As festas Juninas e suas raízes culturais

Segundo Cascudo (1969), folclorista e pesquisador, as festas juninas nordestinas foram recriações de outras festividades europeias, tinham caráter eminentemente familiar, e/ou eventualmente comunitário, embebidos de toda uma atmosfera ritualística que envolvia aspectos religiosos, míticos, folclóricos, comunitários, entre outros. Pesquisadores como Morigi (2001) atribuem às origens das festividades juninas ao solstício de verão europeu, relacionando-as ao ciclo das colheitas.

As quadrilhas juninas, em seus primórdios, tem seu suposto surgimento em meados os séculos XIII e XIV, na Europa mais precisamente na Inglaterra. Castro (2012) afirma que essas práticas posteriormente teriam sido cooptadas pela igreja católica. Para Eliade (1992), as festas de matriz religiosa estão ligadas às práticas e rituais de reatualização de eventos e fatos pretéritos, mas Castro afirma que isto já não se aplica às festividades juninas atuais, pois não se nota preocupação com memória coletiva nem com atos e eventos semi-divinos do tempo sagrado.

No Brasil, Castro (2012) pontua que “as festividades de São João foram trazidas pelos europeus”, a dança foi introduzida com o advindo da corte real portuguesa, em 1808 e as missões francesas que aqui estiveram, era algo presente nos grandes saraus e espalharam-se por todas as camadas sociais ganhando nova roupagem e características das diversas classes sociais tornou-se algo bem popular de caráter rural e cotidiano do Nordeste.

Segundo Castro (2012) as festas populares se constituem como uma importante manifestação cultural que pode ter sua origem em um evento sagrado, social, econômico ou mesmo político do passado e que constantemente passam por processos de recriações e atualizações.

De origem europeia, as quadrilhas foram introduzidas no Brasil ainda no período colonial. No início, estavam associadas aos pomposos salões da nobreza europeia do século XVIII. Foi lá que ela se tornou conhecida e começou a adquirir o formato que possui hoje. Chianca (2007, p. 50) relata que a quadrilha junina é originária de uma contradança e que “a princípio, eram quatro ou oito casais que se organizavam em duas filas, uma em frente à outra, com as quatro extremidades formando um quadrado – daí seu nome francês, *quadrilles*”.

A “*quadrille*” veio para o Brasil seguindo o interesse da classe média e das elites portuguesas e brasileiras do século XIX, no auge da Belle Époque².

A dança palaciana tornou-se quadrilha e tradição entre o povo brasileiro, apreciadas primeiramente nos salões da Corte no Rio de Janeiro e Salvador. A dança foi logo deixando os palácios da nobreza e caindo no gosto da população. Assim, ao longo do século XIX, a quadrilha se popularizou no Brasil e se fundiu com outras danças brasileiras já pré-existentes, sofrendo mudanças influenciadas pelas miscigenações.

A gíngã³ dos escravos, a polca⁴ e o forró⁵, contribuíram consideravelmente nessas mudanças, dando aos ritmos e aos passos da dança palaciana, uma característica diferente, bem própria da cultura e dos costumes do povo brasileiro. Fazendo surgir também uma dança típica para as festas juninas, que aconteciam sempre no mesmo período, aos pares e em forma de quadrilha. A mesma usava artefatos como representação dessa cultura. Os quais são usados como símbolos dessa herança cultural.

A reunião dos símbolos das quadrilhas juninas produz hábitos perceptivos dos brincantes e dos espectadores. Esta junção simbólica estrutura as apresentações dos grupos juninos, valorizando sua manifestação cultural como representantes da cultura popular. O recorte estético e simbólico deu-se na compreensão das formas de dançar quadrilha, desde sua origem, até os dias atuais, passando pelos palácios franceses.

² Época marcada por profundas transformações culturais que se traduziram em novos modos de pensar e de viver o cotidiano por tudo que fosse a última moda de Paris

³ Gíngã é o movimento básico da capoeira, que significa balançar.

⁴ É uma dança de origem polonesa com andamento rápido, em compasso de 2 por 4.

⁵ Baile popular típico do nordeste, em que se dança aos pares, com músicas de gêneros variados, sertanejas e geralmente ao som de sanfona.

As inovações que aparecem nesse processo de modificações são elucidadas à medida que se discorre sobre a história e as transformações na dinâmica de produção dos grupos juninos. No entanto, em meados do século XX, a quadrilha junina ganhou mais impulso e incorporou a si o processo de modernização, tanto na dança, como no figurino. De acordo com Silva (2015), isso aconteceu graças ao movimento das associações que foram se formando e organizando os festivais.

No nordeste as festividades juninas estão ligadas ao início da colheita de milho. Nos festejos juninos em que o real e o imaginário se encontram, e o campo chega à cidade dentro dos grandes arraiais. O meio rural é representado no cenário urbano com influências modernas adaptando-se para dentro desta nova realidade sociocultural na qual está inserida. Mudanças como: as rodas de fogueira que em alguns lugares passaram a ser shows pirotécnicos, as comidas típicas como a pamonha, estão disponíveis em diversas lojas e supermercados e as quadrilhas juninas transformaram-se em verdadeiras empresas, substituindo as roupas remendadas, o jeito matuto e desdentado do sertanejo por luxo e beleza, a improvisação por coreografias ensaiadas, tudo isso mobilizando figurinistas, costureiros, coreógrafos, marcadores e músicos do mais alto nível. A quadrilha junina é provavelmente o elemento cultural nordestino que sofreu maior mudança em suas características visuais, físicas e coreográficas. Para suas apresentações nos diferentes “arraiás” durante o mês de junho e início de julho, estes grupos ensaiam exaustivamente, promovem festas para arrecadação de dinheiro, montam seus grupos regionais, que em muitos casos chegam a custar o valor de um carro popular, compostos por: sanfoneiro, zabumbeiro, trianguero, vocalistas e até mesmo, nos casos mais inusitados, saxofonistas e violinistas. O tecido de chita, composto de algodão e com gravuras grandes e coloridas, foi substituído por outros tecidos de maior durabilidade, deixando assim de fazer parte do tradicional traje matuto. Os atuais grupos juninos vivem entre dois mundos em uma adaptação constante. As quadrilhas juninas mantêm páginas nas diversas redes sociais digitais como twitter, facebook e outros como uma forma de divulgar seus trabalhos, temas e destaques o ano inteiro. (SILVA, 2015, p. 5-6)

Por conta dessa evolução e modernização, as quadrilhas produzem atualmente verdadeiros espetáculos. Utilizando-se de recursos visuais e pirotécnicos para enriquecer suas apresentações e proporcionando aos jurados indicadores de avaliação como: animação, coreografias, figurino e estética. Nessa mesma linha de discurso, Castro (2012), considera que as festas juninas se tornaram progressivamente em eventos concentrados e espetacularizados no espaço urbano. Com expressiva dimensão espacial, que de tanto, as classificou como “arraiás urbanos”. Deixando para nós, pesquisadores, a inquietação de investigar, como essas quadrilhas estão trabalhando atualmente a cultura em meio a modernidade, vez que ainda é visível o uso de costumes dessa tradição, como as fogueiras que

representam um dos símbolos dessa manifestação, e por isso, são acessas nos dias de Santo Antônio - 12 de junho, São João – 24 de junho e de São Pedro – dia 29 de junho.

3.2 A relevância do figurino na representação do enredo junino

As narrativas dos enredos apropriam-se da licença poética, representando as vivências cotidianas ou passadas e os sentimentos profundos. Atuando como formadora de identidade, retratam os ensaios das vestimentas que são ponte entre indivíduo e sociedade, pode-se dizer que é o espaço onde as relações sociais são exteriorizadas para acontecer à representatividade social contextualizada, utiliza-se a moda como algo que transcende as fronteiras do consumo e provoque os sentidos. Essas experiências não dependem da presença do sujeito atual no fato passado, mas sim da maneira como tais fatos foram (re) produzidos na sua memória.

O que é narrar? Narrar é relatar eventos de interesse humano enunciados em um suceder temporal encaminhado a um desfecho. Implica, portanto, em narratividade, uma sucessão de estados de transformação responsável pelo sentido. (...) Narrar é, portanto, relatar processos de mudança, processos de alteração e de sucessão inter-relacionados. Pressupõe a existência de uma lógica narrativa que nos leva a uma gramática discursiva universal. (MOTTA, 2005, p.7).

Todo discurso pressupõe um emissor autorizado a tratar sobre o tema, ao mesmo tempo em que produz esse discurso para um destinatário ou receptor que terá condições de compreendê-lo. As condições de produção do discurso ou da forma de comunicação estão relacionadas às condições do mercado ao qual vai atender, pois a receptividade e a aceitação desse discurso estão diretamente relacionadas às expectativas desse mesmo mercado (BOURDIEU, 1996). Tendo a memória como fonte de subsídios para a construção do discurso.

Para Pollak (1989), a memória depende de vida para transitar, e os sujeitos ressignificam os fatos a partir do tempo presente. Por isso, não se pode afirmar que a memória será sempre individual, pois ela carrega em si em suas manifestações do presente e da sociedade em que se vive, tendo a participação do coletivo nesses registros. Nesse sentido, muito do que sabemos sobre as quadrilhas e de seus figurinos é também fruto da memória de pessoas que viveram

as festas juninas e que construíram uma história, repassando informações de geração a geração, por meio de narrativas que descreveram os costumes, as tradições e os figurinos das quadrilhas.

Segundo Costa (1996), o figurino se apropria de linguagens para uma comunicação particular, e estas linguagens possibilitam uma regimentalização geográfica, do tempo/histórico, do espaço e do tempo e, o define como “vestuário ou guarda roupa, composto por todas as roupas e acessórios dos personagens, projetados e/ou escolhido pelo figurinista”. Porém, Muniz (2004), acrescenta que o figurino é para além do vestuário, pois ele dá ao espectador elementos capazes de promover a identificação dos personagens, o enredo e a cumplicidade destes na história.

O figurino torna-se uma roupa, dá um depoimento sobre as pessoas que o usa e, indiretamente, sobre o panorama no qual aparece. Nesse caso, ele pode, e deve, exibir, o seu desgaste, a sua sujeira, falar do status social e da situação real da personagem. (MUNIZ, 2004, p.21).

Costa (1996) complementa que o figurino não pode ser visto como um elemento independente, ele precisa conversar com todo o contexto, que inclui a cenografia, maquiagem, iluminação, fotografia, atuação. Tanto que Langie (2005) classifica o figurino como um composto imagético, vetor de sentimentos e percepções distintas, e Pallottini (1989, p. 64) como “o primeiro meio de apreensão que tem o espectador, a sua primeira forma de atingir essa criatura que é o personagem é a visual”.

Dessa forma, a imagem, entendida aqui como elemento simbólico, servirá como um dispositivo eliciador de estímulos ao espectador, ampliando o espectro de associações e percepções, de modo que implique em sentimentos desejáveis para a encenação em questão, o processo de identificação dessas imagens permeiam através da indumentária e pelo modo de vestir, seja pela utilização de adereços específicos, de máscaras ou maquiagem e de como o artesanato está atrelado a essa manifestação cultura, de que maneira e sobre qual forma ele contribui pra ela consolidação e enriquecimento dos figurinos e enredos.

O figurino, além de um elemento comunicador, é um elemento comportamental absolutamente indispensável para os atores. Certos símbolos são mais do que fundamentais para o reconhecimento dos personagens. Para tanto, os

figurinistas devem ter formação cultural ampla e um grande sentido de observação, ver e contemplar as coisas a sua volta, como as pessoas nas ruas, as tribos urbanas com suas diferentes formas de comportamento, os mendigos, os idosos, enfim, tudo que acontece ao seu redor pode ser útil, isto se chama trabalho de observação.

Segundo Pavis (2011), as funções do figurino são: caracterização, localização dramática, identificação ou disfarce e a localização do gestus global ou social. Sobre o último, Roland Barthes (apud Pavis, 2011) comenta: “Tudo o que no figurino confunde a clareza dessa relação contradiz, obscurece ou falsifica o gestus social do espetáculo, é ruim; tudo o que, pelo contrário, nas formas, cores, substâncias e seu embricamento, ajuda a leitura desse gestus, tudo isso é bom”.

As quadrilhas juninas se classificam como tradicional e estilizada. A quadrilha junina tradicional, também conhecida como matuta, corresponde a uma retomada ao que foi a dança palaciana do século XIX, trazida pelos portugueses. O termo “quadrilha matuta” define as características rurais de todo o contexto da festa junina, que envolve a vestimenta, comidas típicas, estética dos brincantes, os ritmos musicais e a decoração. Essa modalidade de quadrilha é apresentada por casais vestidos a caráter que seguem as ordens do marcador, em passos sequenciais ensaiados e ordenados.

O figurino tradicional faz alusão à vida rural e retrata o “matuto” ou “caipira”. Os homens apresentam camisa quadriculada, calça acima dos tornozelos (conhecida como pega marreco) remendada com panos coloridos, para parecerem mais novas já que também seria usada pelo caipira para o trabalho na lavoura, complementam com botinas ou sandálias de couro, chapéu de palha e, por vezes, lenço no pescoço.

Para as mulheres o vestido é bem colorido, de chita ou algum tecido sem qualidade mercadológica, saias rodadas com várias camadas e babados também são tradicionais em qualquer arraial. É usado com muitos adornos como fitas, flores e muitos fuxicos⁶, muito popular nas regiões nordestinas. As damas trazem um chapéu de palha feito à mão com bicos de renda ou crochê e podem fazer as

⁶ O fuxico é uma técnica artesanal, existente há mais de 150 anos, que aproveita restos de tecidos para criar e customizar roupas, acessórios e objetos.

clássicas trancinhas ou marias-chiquinhas no cabelo, flores também são uma escolha. O vestido da noiva e o da rainha do milho são os mais apurados, o da noiva apresenta tecidos e rendas brancas, com véu e grinalda e um arranjo floral na cabeça. Já o da rainha é construído com tecidos mais brilhosos como cetins, rendas e possui mais volume, esta também traz uma faixa transversal destacando com honra o seu título. O cavalheiro, às vezes, apresenta um cigarro de palha, suspensórios e lenço no pescoço. Outro fator que caracteriza o casal matuto da quadrilha junina é a maquiagem. Os matutos têm seus bigodes, barbas e sobrancelhas alargadas com carvão ou lápis preto. Damas e cavalheiros têm seus dentes pintados para lembrar dentição precária.

No Ceará ainda existem grupos que apresentam os modelos da quadrilha matuta, tanto nas coreografias como nas suas vestimentas. Temos como exemplo a agremiação Arraiá Zé Testinha que se afirma como a quadrilha mais tradicional do nordeste, sendo referência cultural foi criada em 1976 e possui um jeito bem original de dançar quadrilha. Os integrantes da Zé Testinha mergulharam na história do cangaço, a fim de resgatá-lo como uma das expressões mais tradicionais da cultura nordestina, o grupo pesquisa, dança, faz teatro e compõe as próprias músicas (figura 1), seus figurinos possuem uma referência cultural direta ao nosso folgado e se apropriam diretamente do artesanato, ora nos adereços como chapéus e sandálias de couro, típicas dos cangaceiros, ora na maneira de reviver o São João no cangaço através dos costumes e maneiras de se portar.

Figura 1 – Apresentação da quadrilha tradicional “Zé Testinha” no ano de 2015



Fonte: Site da quadrilha Zé Testinha. Disponível em: <http://www.zetestinha.com.br/>

Até a metade dos anos 1980, os figurinos juninos se mostravam de forma mais artesanais, o uso de bordados e rendas eram feitos em casa e exibiam o seus adornos com sinal e tradição do povo e da terra que representavam, o figurino pós-moderno a tecnologia usada foi aperfeiçoada integrando-o assim a imagem cênica. Com a necessidade de cativar os jovens para a perpetuação da essência dessa tradição, muitas das quadrilhas existentes ganharam nova roupagem e assim a cultura foi se modificando para atender essa realidade.

Nesse sentido, os brincantes denominaram essas novas manifestações da dança junina como “estilizadas”, recriadas ou modernas (Figura 2). As características das quadrilhas matutas foram modificadas, dando espaço para uma mudança em sua estrutura original. A dança sofreu mudanças, o repertório musical passou a ser dançado especificamente de acordo com a letra cantada, o ritmo tornou-se mais rápido e muito bem coreografado, passando a ser exaustivamente ensaiados, abandonando de vez o improvisado.

Figura 2 – Apresentação da quadrilha estilizada “Junina Babaçu” em 2016, no festival da rede globo.



Fonte: Instagram da quadrilha Junina Babaçu. Disponível em: @juninababacu.

Os quadrilheiros gradativamente abandonaram a característica caipira da dança e adquiriram profissionalismo, rompendo com diversos valores que a quadrilha matuta possuía. Os tecidos baratos, a chita e as roupas remendadas foram substituídos por cetins, sedas, tafetás, guipures, rendas e uma variedade de tecidos que aparentem brilho e suntuosidade. O figurino passou a ser exibido com luxo e requinte, os vestidos das damas agora apresentam ricos bordados de miçangas, pedrarias e as camadas de anáguas tornaram-se cada vez mais volumosas, paetês, plumas, fitas e *strass* também são muito bem vindos na composição feminina. O figurino masculino, composto por blusa, calça e geralmente colete, tornou-se essencialmente combinado ao vestido da dama, desde a cor aos ornamentos, que passaram a ser pensados para o par e não mais individualmente.

Os acessórios e adereços também são bem específicos e desenvolvidos de acordo com o tema-enredo, luvas, coroas, arranjos, laços, meia calça, brincos e pulseiras passaram a fazer parte do contexto dos festejos juninos. O chapéu de palha foi deixado de lado, sendo substituído pelo de couro e, mais comumente, o de feltro. Os sapatos ganharam saltos e as botinas foram substituídas com sapatos sociais, que também precisam combinar com as cores do figurino, sendo estes de cetim ou veludo.

A maquiagem tanto para homens quanto para as mulheres também sofreu mudanças, os homens aboliram de vez o resgate a herança do matuto: excluindo o dente pintado, que simulava a dentição precária, a barba e bigode e também as sardas caipiras. A maquiagem para os homens é menos elaborada, só para corrigir a pele e esconder imperfeições, em contra partida a das mulheres tornou-se muito mais chamativa, sombras em tons brilhosos, fortes contornos, batom com cores ousadas. A maquiagem é fundamental para destacar e para chamar atenção para o figurino.

No Estado do Ceará, quadrilhas com superproduções se apresentam durante os “arraiás”, as festas dos padroeiros e festivais que ocorrem durante o ciclo junino, ganhando cada vez mais destaque no imaginário popular, na cultura e na mídia. Nos festivais, de acordo com o regulamento oficial do festival de quadrilha, são critérios de avaliação das quadrilhas: pontualidade, criatividade, evolução, adereços, figurino, repertório, entrada, saída, casamento e animação.

3.3 O artesanato como alternativa de manutenção cultural

Segundo Somma (2009) o artesanato é repleto de particularidades que expressam uma cultura, os objetos produzidos possuem diferenciação das coisas, das singularidades e subjetividades construídas por eles é que são seus elementos simbólicos os objetos feitos com as mãos expressam uma visão de mundo produzindo um universo simbólico.

O artesanato é originalmente entendido como coisas feitas à mão por algumas comunidades, geralmente pobres, que, longe das cidades e dos parques industriais, criavam objetos que poderiam ser feios ou bonitos [...] A palavra artesanato quer dizer arte ou técnica de trabalho manual em que seu produto não é industrializado, portanto, não é produzido em série. Se analisarmos com atenção essa formação genérica, observaremos alguns pontos importantes que caracterizam o artesanato, a saber: feito à mão, na industrial, não serial, utilitário, artístico. Acreditamos que tal definição genérica é muito simplista quando se pensa em artesanato, porque qualquer objeto que siga esses procedimentos pode ser considerado, o que para nossos propósitos é insuficiente para se estabelecer um diálogo entre artesanato e design. (SOMMA, 2009, p.147)

Porto Alegre (1994) destaca o Ceará como um produtor competitivo nos pilares de produção artesanal e defende a ideia de que o artesanato sempre desempenhou um papel relevante para a economia, com a geração de emprego e

renda tanto nas zonas urbanas como nas zonas rurais. O artesanato transformou-se em um dos segmentos com maior potencialidade e contribuição na geração de trabalho e renda no estado. Borges (2011) pontua o artesanato como uma área de atividade que requer qualificação profissional e treinamento específico e não com uma visão preconceituosa de outrora onde o artesanato é visto como algo rústico, sem valor.

O artesanato além de apresentar importância no fator econômico contribui, acima de tudo, para disseminar a cultura do Ceará, preservando as histórias e identidades da nossa região em cada peça.

O artesanato é uma das mais ricas formas de expressão da cultura e do poder criativo de um povo. Na maioria das vezes, é a representação da história de sua comunidade e a reafirmação da sua autoestima. Nos últimos tempos, tem-se agregado a esse caráter cultural o viés econômico, com impacto crescente na inclusão social, geração de trabalho e renda e potencialização de vocações regionais. (PROGRAMA DO ARTESANATO BRASILEIRO, 2012, p. 3)

O povo nordestino também possui suas peculiaridades, utiliza dos ensinamentos herdados através de gerações, do talento, das tradições, dos heróis, dos mitos das tradições e do cordel para construir a sua vivência com determinação única para vencer os obstáculos de um território geográfico castigado pela seca e pobreza, atentando às escolhas que nortearam seu dia-a-dia.

O artesanato cearense também é marcado por uma forte hibridação e herança cultural caracterizado pelos processos de origem e pelo período de colonização ocorrido no estado, fala-se de referências culturais, sociais e econômicas. O que se buscou extrair do artesanato nessa pesquisa é justamente a sua propriedade de articular aspectos da memória coletiva e de que maneira as práticas artesanais permitem trazer a retomada de aspectos tradicionais em meio a uma atmosfera tão influenciada pelo contexto pós-moderno.

4. A QUADRILHA BABAÇU

A Junina Babaçu é uma agremiação junina, fundada no ano de 1989, no bairro Parque Santo Amaro na cidade de Fortaleza. O mesmo é localizado no extremo oeste da metrópole. Foi criada por Tácio Monteiro - atual presidente, com o nome de Arraiá da Babaçu. Com esse nome, participou de festivais durante um período de dez anos. Mas, em 1999, se afastou dos festivais e retornou no ano de 2011, com o nome Junina Babaçu, brilhando desde então nos arraiás do Brasil.

A Junina Babaçu possui uma organização administrativa, é oficializado e possui CNPJ, assim podem pleitear os auxílios destinados à cultura, oferecidos pela Secretaria de Cultura de Fortaleza (SECULT) e pelo Governo do Estado do Ceará. No grupo, há aproximadamente sessenta pares coreografando e conta com mais de 150 integrantes, incluindo o grupo musical, os brincantes, marcadores, cenógrafos, pessoal de apoio, diretoria, entre outros. Por meio desses dados pode-se perceber que a dança junina movimenta um mercado enorme que se divide entre pessoas do próprio bairro e até de cooperativas e associações.

Dentre as recentes conquistas e campeonatos mais importantes da Junina Babaçu: Em 2011, conquistou o Título de Campeã Cearense homenageando o Centenário de Juazeiro do Norte. No ano de 2012, trouxe o Cangaço para as noites juninas, com o tema *“Das Tradições do Sertão: o cangaço é espetáculo de encantamento nas noites de São João”*, o que rendeu o título de campeã cearense. No ano de 2013, a Junina Babaçu mostrou o forró como guia do povo nordestino, como ele se apresenta e o valor que tem para o resto do país, a temática foi: *“O ritmo do nordeste, fenômeno da cultura popular, na Junina Babaçu o forró vira poesia para você dançar”* e a inovação veio por parte dos integrantes que cantavam e falavam em inglês, rendeu o vice campeonato cearense.

Em 2014, o tema foi *“Destino”* em homenagem a Santo Antônio, São João e São Pedro - escolhidos para a representação devido à fé do povo nordestino e a ligação deles com as festas juninas e a família. Com esse tema conquistou o Bicampeonato Cearense e a 3ª classificação no Festival Nacional de Quadrilhas.

Em 2015, foi ainda mais ousada e apresentou um tema clássico com o nome: *“Grande ópera junina”*, referendando a obra *“A Noite de São João”* do escritor cearense José de Alencar. Espetáculo que criou um marco na história da agremiação por conquistar elogios do público e dos júris que a elegeram como

campeã nos maiores eventos do Estado com o Tricampeonato Cearense e o título de melhor quadrilha do Festival Brasil Junino.

No ano de 2016, com um tema “*Boi Babaçu, o boi do Brasil*”, se apresentou no Festival de Quadrilhas Juninas da Rede Globo Nordeste e conquistou a primeira classificação. Proeza, que repetiu no ano seguinte, exatamente no dia 25 de junho de 2017, quando se apresentou com o tema “*Baião made in sertão*” e mais uma vez foi classificada como a melhor, segundo os critérios de avaliação estabelecidos pelos organizadores do festival. Com um espetáculo que custou para a agremiação um valor de 480.000,00 (quatrocentos e oitenta mil reais).

Os critérios de avaliação usados são determinados pelos organizadores do festival e constituem o item de número seis do regulamento que trata do festival como um todo. Os mesmos referem-se à coreografia, ao figurino, ao repertório musical, ao casamento, ao marcador e ao conjunto do espetáculo apresentado. Envolvendo animação, organização, evolução dos passos, harmonia, desenvolvimento do tema, e entrada e saída do arraial (Figura 3).

Figura 3 – Regulamento oficial do Festival de quadrilhas promovido pela Rede Globo

6.5. Os itens em julgamento são os seguintes:

- a) **COREOGRAFIA**
Julga-se diversidade das coreografias, graça, leveza, elegância e criatividade dos passos.
- b) **FIGURINO**
Julgam-se a harmonia e o equilíbrio no uso das cores, valorizando-se a criatividade, o material utilizado, a confecção e a sintonia com o tema apresentado.
- c) **REPERTÓRIO MUSICAL**
As músicas utilizadas deverão ser do Ciclo Junino. Serão levadas em consideração a diversidade dos ritmos e a seleção musical.
- d) **CASAMENTO**
Sendo um ato dramático, será julgado como tal, observando-se personagens, texto/roteiro, interpretação e direção cênica.

PERDE PONTO A QUADRILHA QUE AGIR COM VIOLÊNCIA, GROSSERIA, PROFERIR PALAVRÕES, PRATICAR GESTOS OBSCENOS E/OU REFORÇAR PRECONCEITOS.
- e) **MARCADOR**
Será julgado pela empolgação, liderança, desenvoltura, criatividade e clareza.
- f) **CONJUNTO**
Neste item julgam-se animação, organização, evolução dos passos, harmonia, desenvolvimento do tema, entrada e saída do arraial.

Fonte: Regulamento divulgado pela rede globo em 2016. Disponível em:

http://estaticog1.globo.com/2016/04/18/REGULAMENTO_FESTIVAL_LOCAL.pdf consultado

em: 30/06/2017

4.1 Figurino do ano de 2016 - Processos criativo e personagens

O ano de 2016 significativo para a agremiação Junina Babaçu. O resgate cultural e folclórico da festa do Boi-Bumbá deu a Babaçu e ao Ceará, o título de Campeã do Festival de Quadrilhas Juninas do Nordeste realizado anualmente e tradicionalmente em Pernambuco.

A inspiração para o espetáculo “*Boi Babaçu, o boi do Brasil*” foi uma homenagem à festa do boi, consagrada como patrimônio cultural brasileiro. Preservando as principais características da festa, utilizando peculiaridades de alguns estados e inserindo as particularidades da Babaçu de brincar o São João.

O processo criativo do figurino começou com a apresentação da pesquisa e leitura da sinopse temática apresentada pelo Projetista da Quadrilha, a partir daí o tema foi escolhido por votação pela coordenação e direção da agremiação. É da sinopse que o figurinista retira a funcionalidade do figurino dentro do espetáculo, o qual precisa estar em sintonia com todas as áreas da quadrilha, projetista, coreógrafo e cenógrafo para criar um figurino que fortaleça o espetáculo e os movimentos coreográficos.

Geralmente, durante a fase de elaboração dos croquis, o figurinista precisa decidir quais os elementos representativos do tema que poderão ser abordados e inseridos, incluindo cores, modelos, formas e tudo mais que seja necessário para contribuir na contação da história do enredo. Do mesmo modo o figurinista da Junina Babaçu desenvolveu o figurino para o tema “*Boi Babaçu, o boi do Brasil*” (Figura 4).

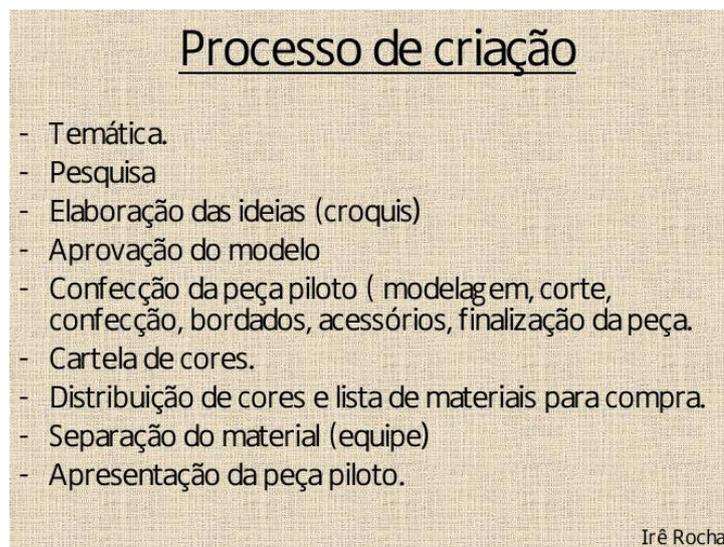
Figura 4 – Croquis do figurino “Boi Babaçu, o boi do Brasil”



Fonte: Acervo do figurinista da Junina Babaçu, Iremilson Rocha.

De acordo com Iremilson Rocha⁷, para o desenvolvimento do figurino ele seguiu um fluxo e após a fase de preparação dos croquis, estes foram apresentados à direção e a coordenação da agremiação para serem avaliados. Nesse processo incluiu-se analisar todos os desenhos, aprovar os que contemplam o tema e o enredo e apresentam beleza e ajustar os que estão fora do contexto (Figura 5).

Figura 5 – Fluxo do processo de desenvolvimento do figurino da Junina Babaçu



Fonte: Acervo do figurinista da Junina Babaçu, Iremilson Rocha.

⁷ Figurinista da quadrilha Junina Babaçu desde 1997.

Para Tácio Monteiro – presidente e fundador da quadrilha, em entrevista⁸, esclareceu que existem alguns critérios fundamentais para a aprovação de um figurino, o principal é a coerência da temática, destacando que a preocupação com os detalhes são fundamentais para a vitória em um festival. Nesse contexto, acrescenta Iremilson Rocha, que a temática e linha de criação dos figurinos precisam ter um começo, meio e fim para que possam fazer sentido, sendo bem enfático com relação à importância de algumas rupturas das características tradicionais. Para ele, o propósito é afastar alguns aspectos amadores dos figurinos e fugir dos retalhos e remendos para mostrar a beleza de um São João mais profissional, requintado e competitivo através dos brilhos, adereços e efeitos visuais que os figurinos podem proporcionar, como bem mostra a figura 6.

Figura 6 – Partes da roupa da Rainha da Junina Babaçu no ano de 2016



Fonte: Acervo da autora (fotografia tirada em maio de 2017).

Com a aprovação dos modelos e da cartela de cores, o figurinista fez a busca dos materiais para a confecção das peças pilotos⁹, que depois de prontas passaram por

⁸ Entrevista aberta realizada em 6 de maio de 2017, no shopping Benfica.

⁹ A peça piloto representa uma mostra do produto ainda na fase de desenvolvimento. Por meio dela é analisado o modelo nos aspectos: modelagem, costura, matérias, caimento, beleza e viabilidade de produção.

nova avaliação. Cada modelo gerou uma peça piloto para compor o figurino e o mesmo ser avaliado em sua totalidade e fazer ajustes, se necessário (Figura 7).

Figura 7 – Prova de peça piloto



Fonte: Acervo do figurinista da Junina Babaçu, Iremilson Rocha.

De acordo com Iremilson Rocha, nesse momento entra em cena modelistas, costureiras, bordadeiras e demais profissionais envolvidos direto ou indiretamente na confecção das peças. Com o figurino e adereços prontos, a peça piloto é apresentada para os demais representantes da equipe.

Depois de aprovadas é feito um levantamento de todo o material, do custo e dos recursos humanos que serão necessários para confeccionar todo o figurino. Considerando que, com exceção dos casais de destaque, como: a rainha e o rei, o noivo e a noiva, as demais peças são confeccionadas em linha de produção. A próxima fase é aferir as medidas do corpo dos componentes e enviá-las para as costureiras, para que as mesmas possam dar início ao processo de construção do figurino. Nesta fase ocorrem provas de roupas para que as peças fiquem com o melhor caimento possível, no corpo para não prejudicar a evolução do quadrilheiro durante a apresentação.

O figurino para o espetáculo “*Boi babaçu, o boi do Brasil*” usou os principais elementos e materiais utilizados nas festas referendadas ao boi pelo Brasil, como: fitas de cetim, canutilho, miçangas, rendas, pedrarias e bordados. A

lenda do boi nasceu às margens do rio São Francisco, em uma fazenda de criação de gados e é um pequeno retrato da configuração social do período da escravatura, mostrando o tipo de relação de poder entre escravos e senhores e as crenças religiosas da época.

A dança do bumba meu boi ou boi bumbá conta com a participação de personagens humanos e animais, que gira em torno de uma lenda sobre a morte e ressurreição de um boi. Ao espalhar-se pelo país, o bumba meu boi adquiriu nomes, ritmos, formas de apresentação, indumentárias, personagens, instrumentos, adereços e temas diferentes. O espetáculo “*Boi Babaçu, O boi do Brasil*” fez uma homenagem a essa bela manifestação cultural que conta com diversos personagens e cada um deles foi representando com um figurino diferente.

O primeiro figurino a ser destacado é o do casal de noivos, Mateus que é representado pelo noivo, na história original tem o nome de Pai Francisco, e Catirina. Com riqueza de detalhes como mostra o croqui e a peça pronta (Figura 8 e 9).

É importante destacá-los, pois o casamento matuto é a parte mais teatral da apresentação e a dança de Quadrilha só acontece para celebrar esse casamento. Na lenda Mateus e Catirina, um casal de escravos que vivem em uma fazenda e servem ao fazendeiro. Catirina está grávida e certo dia conta ao marido que está morrendo de desejo de comer língua de boi, mas não era qualquer boi, era o boi mais bonito e gordo da fazenda, preferido do seu patrão, é o boi Babaçu. O marido, sabendo que desejo de mulher grávida é uma ordem, pois segundo credo popular o bebê poderia nascer morto ou deformado, atende ao pedido da esposa e mata o boi.

Figura 8 – Croqui do vestido da noiva do espetáculo “*Boi babaçu, o boi do Brasil*”.



Fonte: Acervo do figurinista da Junina Babaçu,, Iremilson Rocha.

No primeiro momento, antes do casamento, o casal de noivos encontra-se no ponto alto da história, onde Catirina revela seus desejos ao marido e por isso os adereços da noiva precisam remeter à personagem Catirina, ela porta uma peruca volumosa (figura 9), adornada com várias fitas coloridas e dança com uma sapatilha baixinha. O vestido é branco típico de casamento e traz muitos babados na saia, as mangas são bufantes com algumas plumas com detalhe e o corpo do vestido é todo bordado com pedrarias e cristais.

Figura 9 – Figurino da noiva no espetáculo “*Boi babaçu, o boi do Brasil*”.



Fonte: Instagram oficial da agremiação @juninababacu.

Depois do casamento e da ressurreição do boi, a noiva tira a peruca e colocar um arranjo com coroa e uma mini grinalda, troca a sapatilha por um salto e assim segue até o fim do espetáculo. O noivo não troca de adereços, também porta um traje branco, com sapatos brancos e um chapéu branco com algumas franjas na aba (Figura 10).

Figura 10 – Figurino do casal de noivos da quadrilha Junina Babaçu no espetáculo “*Boi babaçu, o boi do Brasil*”.



Fonte: Instagram oficial da agremiação @juninababacu.

Outro figurino de grande relevância é o do casal formado pelo rei e pela rainha (Figura 11). Durante o espetáculo ela trocou de figurino três vezes e ele trocou por duas vezes. A indumentária foi toda pensada para compor e ser parte da história da construção da lenda, remetendo a elementos das diversas danças do boi, segundo Iremilson, os personagens trocaram de figurinos constantemente, para situar o público e os jurados ao longo da narrativa.

Figura 11 – Casal real usando a 2ª composição de figurino no espetáculo “Boi babaçu, o boi do Brasil”.



Fonte: Fanpage oficial da Adriana Dias rainha da Junina Babaçu .

No primeiro momento, fazendo referencia a Catirina, a Rainha usou um vestido ricamente bordado de pedraria e chatons com uma saia bastante volumosa com babados Pink com preto e mangas feitas com fitas coloridas e também muito volumosas. Trouxe a tiracolo a faixa de rainha junina de 2017 e também usou a peruca de Catirina ornamentada com fitas. Dançou com sapatos baixos e meia calça, bem representado abaixo (Figura 12).

Figura 12 - 1º figurino da Rainha usado no espetáculo “Boi babaçu, o boi do Brasil”



Fonte: Fanpage oficial da Rainha da Junina Babaçu Adriana Dias.

No primeiro momento, o rei portou um figurino com tonalidades diferentes da rainha dama, mas eles conversavam através da narrativa e dos motivos bordados e aplicados. Ele vestiu uma blusa com vários tons de azul, as mangas eram bem volumosas e coloridas, semelhantes a manga da rainha, calça com um tom de azul escuro e um chapelão com muitas fitas penduradas (Figura 13).

Figura 13: 1º figurino da Rainha usado no espetáculo “*Boi babaçu, o boi do Brasil*”.



Fonte: Instagram oficial da agremiação @juninababacu.

No segundo figurino, a rainha representou a Índia guerreira que ressuscita o boi para dançar na quadrilha do Brasil, o rei não acompanhou a dama nesse momento. A história do boi envolve crença e magia, onde o fazendeiro depois de todas as tentativas para tentar ressuscitá-lo, mobiliza uma tribo comandada pela mais bela índia que segue o espetáculo com uma dança sagrada para torná-lo de volta a vida. Dessa vez não trouxe a faixa de rainha, pois a encenação demandava muitas poses e movimentos diferenciados. O figurino da Índia é todo de plumas e possui tons fortes, como o laranja e amarelo, é composto por saia bastante colorida e toda bordada no cós (Figura 14), um top com penduricalhos no busto, um enorme cocar de plumas como adereço de cabeça e duas tornozeleiras com motivos indígenas.

Figura 14: 2º figurino da Rainha usado no espetáculo “*Boi babaçu, o boi do Brasil*”.



Fonte: Instagram oficial da agremiação @juninababacu.

O terceiro, último e principal figurino da Rainha, chama-se “*Deusa do boi bumbá*” é usado durante a celebração do casamento e da ressurreição do boi. O vestido é bastante colorido, bordado com diversas pedrarias, chatons, canutilhos, strass que formam motivos e desenhos, fazendo referencia ao manto do boi. O vestido possui um decote adornado com grandes pedras vermelhas e uma manga do lado esquerdo, de tule todo bordado com canutilhos e motivos florais, traz uma saia bastante colorida, com babados nas cores amarelo e vermelho, também traz aplicações de plumas e flores pintadas à mão, como mostra a figura 15.

Figura 15 - 3º figurino da Rainha usado no espetáculo “Boi babaçu, o boi do Brasil”.



Fonte: Acervo da autora (fotografia tirada em maio de 2017).

Os acessórios e maquiagem da Rainha também são especialmente pensados para cada figurino, modificados a cada troca. No último figurino foram trazidos, nos dois braços, braceletes de strass e plumas, a faixa foi usada novamente, mas com uma nova cor para combinar com os tons do vestidos. Os sapatos ganharam saltos para tornar o figurino mais requintado e a cabeça ganhou um arranjo de metal coberto de brilhos e uma rosa com plumas, também combinando com o vestido, Como pode ser observado abaixo (Figura 16).

Figura 16 – Detalhes dos acessórios e maquiagem da rainha do espetáculo “Boi babaçu, o boi do Brasil”.



Fonte: Fanpage oficial da rainha Adriana Dias.

O rei portou um figurino combinando com o de sua dama. Dentre os elementos em comum com o figurino da rainha, percebem-se as mesmas pedrarias, os mesmos tons e as disposições das estampas. A cor de base das roupas, tanto do rei quanto da rainha foi o branco, ele trouxe uma blusa de manga longa vermelha, com um tecido vincado e bastante brilhoso, um colete todo aplicado de pedrarias e franjas na barra, e a calça com detalhes especiais na lateral. O chapéu vermelho com franjas brancas deu um toque final à produção do figurino (Figura 17).

Figura 17 - 2º figurino do Rei usado no espetáculo “*Boi babaçu, o boi do Brasil*”



Fonte: Instagram oficial da agremiação @juninababacu

O marcador da quadrilha também demanda um figurino diferente e especial, pois é ele quem comanda à dança de quadrilha, transmitindo os comandos, anuncia os passos e é responsável pela evolução dos quadrilheiros até a saída do arraial. O mesmo vestiu-se representando o “*amo do boi*”, também podendo ser chamado de rajado ou caboclo de fita, e no boi bumbá, representa o peão da fazenda, festejando, dançando em volta do boi e o conduzindo do início até sua despedida. Não trocou de figurino e esteve presente em todos os momentos da apresentação. Seu figurino é composto por calça, blusa e um colete dourado todo bordado com pedrarias e adornado com muitas fitas colorida, que garantem muito movimento e alegria durante o espetáculo. Um grande chapéu com muitas plumas e pedrarias, também compõe o figurino (Figura 18).

Figura 18 – Figurino do marcador o “*amo do boi*” do espetáculo “*Boi babaçu, o boi do Brasil*”.



Fonte: Acervo da autora (fotografia tirada em maio de 2017).

A dança do bumba meu boi também traz a figura do vaqueiro sertanejo como destaque. Por ser considerado ícone do imaginário popular do nordeste brasileiro, possui grande importância no enredo. Trouxe lindas imagens ao espetáculo proporcionadas por sua dança e figurino, especialmente importante descrevê-lo, pois é um dos únicos que preserva aspectos regionais, rico em técnicas artesanais e repleto de ornamentos, representadas na figura 19.

Figura 19 – Figurino do vaqueiro do espetáculo “*Boi babaçu, o boi do Brasil*”.



Fonte: Fanpage oficial da agremiação Junina Babaçu @facebabacu

Seu figurino é composto por: Gibão semelhante a um paletó decorado com ricos motivos bordados e muitas pedrarias, blusa com botões decorados com strass, calça do tipo “pega marreco”. Os acessórios são: sandálias de couro, um chicote de couro para comandar o boi e chapéu de couro, com cordão preso ao queixo para não se perder em meio ao espetáculo (Figura 20).

Figura 20 – Detalhes do Figurino do vaqueiro do espetáculo “*Boi babaçu, o boi do Brasil*”.



Fonte: Fanpage oficial da agremiação Junina Babaçu @facebabacu

Os pares quadrilheiros da quadrilha Junina Babaçu também trocaram de figurino durante a apresentação, o primeiro figurino fez referência ao ápice da história do casal Mateus e Catirina.

A característica mais marcante desse figurino foram os tons diferenciados usado pelas damas e cavalheiros. O vestido das damas trouxe duas cores predominantes: o *pink* e o verde. O busto era Pink com fitas pretas rodeadas de lantejoulas douradas e a saia era feita detalhes de chita estampada e tule verde para dar bastante volume. As mangas volumosas eram de fitas coloridas semelhantes ao vestido da rainha. E também trouxeram peruca na cabeça, adornada com um grande laço de fitas representando Catirina. As damas dançaram com uma sapatilha baixa (Figura 21).

O figurino dos cavalheiros trouxe apenas uma cor predominante, o azul celeste. Com uma blusa de manga longa adornada com muitas fitas rodeadas de lantejoulas, lateral de chita e um detalhe com fitas no final da manga. Calça com detalhe de chita e fitas na barra, que remete aos remendos utilizados nos figurinos das quadrilhas tradicionais, porém com aspecto e delicadeza da quadrilha estilizada. Como acessório trouxe um chapéu adornado com muitas fitas coloridas e bandeirinhas típicas de São João e um sapato aveludado (figura 21).

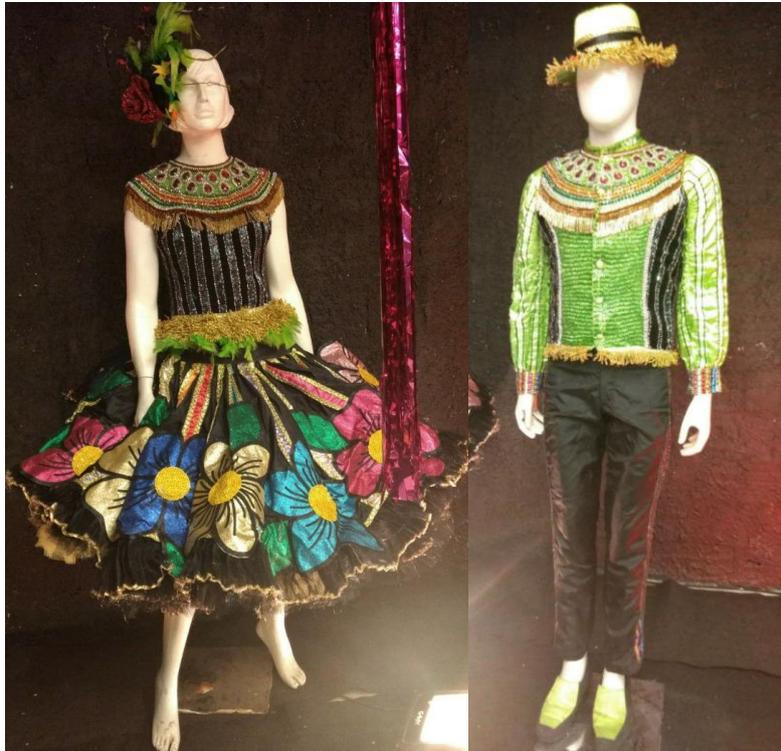
Figura 21 – 1º Figurino do casal de quadrilheiros do espetáculo “*Boi babaçu, o boi do Brasil*”.



Fonte: Acervo da autora (fotografia tirada em maio de 2017).

O segundo figurino “as damas e cavalheiros do boi”, foi utilizado para celebrar a ressurreição do boi Babaçu. O figurino das damas representou uma homenagem direta ao manto do boi com sua base escura de veludo, suas pedrarias, as rosas das saias que lembram estampas utilizadas no figurino do boi cearense. O figurino dos homens fez referência à indumentária utilizada pelos vaqueiros do boi em estados como Maranhão, Pernambuco e Alagoas com chapéus de fitas coloridas (Figura 22).

Figura 22 – 2º Figurino do casal de quadrilheiros do espetáculo “*Boi babaçu, o boi do Brasil*”.



Fonte: Acervo da autora (fotografia tirada em maio de 2017).

Um elemento de grande importância durante o espetáculo foi o boi da Babaçu. O boi de miolo é o símbolo mais expressivo da festa do Boi-bumbá e foi culminado pelo mestre da cultura popular Zé Pio, que é guardião da memória do boi Ceará, foi muito homenageado pela quadrilha e comandou o boi babaçu durante o espetáculo.

Em entrevista, Mestre Zé Pio revelou que o boi foi construído por suas próprias mãos, com armações de ferro, veludo, fitas, adornado com flores pintadas a mão e bordado com pedrarias (Figura 23).

Figura 23 – Mestre Zé pio ao lado do boi de miolo, construído por ele para o espetáculo “*Boi babaçu, o boi do Brasil*”.



Fonte: Acervo da autora (fotografia tirada em maio de 2017).

Tácio Monteiro, fundador presidente da Junina Babaçu, declarou que o estado do Ceará passou por um longo período sem reconhecimento e espaço nos festivais juninos do nordeste, a conquista da primeira classificação da Agremiação Junina Babaçu com o espetáculo “*Boi Babaçu, o boi do Brasil*” no festival de quadrilhas da rede globo nordeste, trouxe de volta ao estado suas referências e prestígio no que diz respeito aos festejos. O boi que era da babaçu virou Ceará e agora é do Brasil todo, somando às demais conquistas a Babaçu conquistou dezesseis títulos e foi a quadrilha mais premiada no ano de 2016.

5. RECONFIGURAÇÃO DO FIGURINO QUADRILHEIRO CONTEMPORÂNEO

Canclini (1982) em sua obra, *Cultura Híbridas*, apresenta o desenrolar no cerne da cultura popular e a forma que podemos analisar os movimentos sociais em tempos de globalização. Ele inicia afirmando que a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação, reestruturação e sentido, produzindo fenômenos que contribuem mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social (Canclini, 1982, p. 29).

Canclini segue afirmando que “o popular deve operar pelo popular” e aplica que o popular corresponde ao excluído, ou seja, “aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado”. Nesse quadro, o popular é comumente associado ao atraso, que não tem seu lugar nas sociedades modernas por radicar-se nas amarras tradicionais.

A partir das décadas de 1960 e 1970, o setor rural entra em crise graças às secas e ao processo de industrialização que ocorreu no país, intensificando êxodo rural, reiterando os costumes dos festejos juninos e as celebrações do interior para os espaços urbanos. Esses espaços foram ficando cada vez maiores e viu-se que em meados dos anos 1980 os quadrilheiros, com a necessidade de cativar os jovens para a perpetuação da tradição junina, reinventaram a festa que adquiriu novos sentidos para adequar-se a realidade.

A partir dos registros fotográficos a seguir, podemos perceber a evolução dos figurinos em diversos aspectos. A tradicional indumentária com remendos, velhos chapéus de palha, maquiagem borrada, sorriso banguela e também os passos caricaturados foram substituídos por um novo visual que exige roupas, adereços e caracterizações luxuosas, coreografias sincronizadas, além de cenários e temas próprios de cada grupo da dança.

A figura 24, um registro fotográfico de uma quadrilha junina dos anos 1984, do colégio externato coração de Maria no Bom Jardim, nos mostra algumas representações baseadas na vida do sertanejo nordestino ou no homem do campo.

A quadrilha junina instituía um imaginário que remetia ao popular, conclamando a dramatização dos temas apresentando a vida do matuto que foram ao longo do tempo estabelecidas no imaginário de todo o país. Percebe-se o

acionamento dos conteúdos tradicionais e do filão artesanal na composição estética dos trajes apresentados, os chapéus de palha, os remendos das roupas, a simplicidade na apresentação e porte dos brincantes. A rainha tinha seu figurino parecido com os demais brincantes e o casal de noivos também portavam roupas bem típicas. A característica particular dos trajes e atitudes dos brincantes acionam a propriedade do artesanato de articular aspectos da memória coletiva e trazendo a retomada de aspectos tradicionais.

Figura 24 – Figurinos juninos no ambiente escolar no ano de 1986



Fonte: acervo pessoal da autora

A migração dos costumes culturais para a cidade vai além da ideia de perda de identidade da festa, mas a possibilidade de reconfiguração e as novas demandas sociais, culturais e demográficas. E, segundo o conceito de Canclini (1982), adequação do “popular para o popular”, sendo estes habitantes os “legítimos representantes e detentores da festa junina”.

Lima (2002), destaca que:

Atualmente a festa junina no espaço urbano é algo diferente, ela se redefine, extrapola o localismo e utiliza elementos da tradição junina, para ser reinventada, apropriada e conservada como um espetáculo de cenários, cores, luzes e sons; como uma festa comercializada, que significa marketing turístico, econômico, social, cultural e político (LIMA, 2002 p.20)

Através da análise das figuras abaixo (figura 25 e 26) percebe-se que o desenvolvimento dos festejos no espaço urbano agregou elementos mercadológicos e espetacularizados de caráter de divertimento para a festa. Nesse contexto é que notamos que a reelaboração da tradição junina pode criar novas simbologias e significações, recorreu-se de modo pontual e simultâneo a lantejoulas, paetês, novos tecidos, maquiagem, roupas, novas coreografias e temas inovadores nas apresentações. Nas vestimentas masculinas encontra-se um terno completo, blazer xadrez, camisa branca e colete. A calça mais formal, sem remendos, o lenço colorido no pescoço foi substituído por gravata e o chapéu, agora de feltro. Enquanto para a dama está o vestido volumoso e decotado. A chita foi substituída por tecidos mais finos, que precisam combinar com o do seu par. Babados, rendas, mangas bufantes, e modelagens diferenciadas. A cabeça é enfeitada com laçarotes, flores coloridas e coques rebuscados. Afastando-se da imagem que se tinha do matuto (Figura 25). A rainha ganhou um figurino próprio e diferenciado dos demais brincantes, volumoso e bastante adornado (figura 26).

Figura 25 – Figurino do casal de quadrilheiros da Junina Babaçu em 1997



Fonte: Acervo da autora.

Figura 26 – Figurino de rainha da Junina Babaçu em 1997



Fonte: Acervo do figurinista da Junina Babaçu, Iremilson Rocha.

As estratégias de adaptação ao moderno e as transformações da dimensão simbólica da Agremiação Junina Babaçu foram observadas em sua apresentação no festival "São João do Nordeste", promovido pela Globo Nordeste, que para conseguir a primeira classificação no campeonato, não poupou inovações em quadra. Considerando que a apresentação desta dança folclórica tornou-se um espetáculo organizado denominado como quadrilha estilizada, onde são expostos símbolos da sociedade de consumo, entre os quais se situa a moda materializada nos figurinos. (Figura 27).

Figura 27 – Figurinos dos noivos, marcador, rainha e vaqueiro, respectivamente, no espetáculo “Boi Babaçu, o boi do Brasil” em 2016.



Fonte: instagram da agremiação Junina Babaçu @juninababacu

O principal aspecto a ser destacado é a descaracterização e rompimento da estética do matuto e da dama da roça, nota-se que aquilo que remete a vida no campo e ao filão artesanal é considerado antiprofissional pelos representantes da Agremiação e pelos organizadores do festival. As roupas de todos os personagens são altamente trabalhadas, trazem bordados caprichados e muitas aplicações de pedrarias. O brilho dos paetês, o glamour dos tecidos, a maquiagem carregada são fundamentais para a construção do espetáculo

A agremiação Junina Babaçu foi à última a se apresentar no festival Globo Nordeste, e segundo relatos dos organizadores da agremiação, foi a que mais impactou o público com a quantidade de adereços e cenários utilizados durante o espetáculo que teve duração de 25 minutos.

Figura 28 – Composição cenográfica Junina Babaçu 2016



Fonte: Instagram oficial da agremiação @juninababacu

Trouxe um boi alegórico (Figura 28), efeitos especiais na troca de figurinos, painéis cenográficos, tambores (Figura 29), muita sincronia com luzes, figurinos desenhados especialmente para a ocasião e até um andar de elevação para a rainha (Figura 30).

Figura 29 – Composição cenográfica Junina Babaçu 2016



Fonte: Instagram oficial da agremiação @juninababacu.

Figura 30 – Composição cenográfica Junina Babaçu 2016



Fonte: Instagram oficial da agremiação @juninababacu.

As agremiações juninas assemelham-se a cada dia mais com as escolas de samba do carnaval brasileiro¹⁰, como um produto exportação, que funciona e gera uma economia significativa o ano todo. Organizam-se em federações e ligas, e além de manter uma tradição folclórica, proporcionam uma fonte de empregos informais para o ano todo também, pois para realizar as apresentações, há de se ter por trás do evento uma grande equipe de costureiras, bordadeiras, aderecistas, sapateiros, chapeleiros, designers, divulgadores, enfim, um entourage que nada deixa a dever a um barracão de escola de samba. Além dos figurinos e alegorias trazidos atualmente pelas quadrilhas juninas em suas apresentações que se assemelham, e muito, as alas das escolas de samba.

A análise da conquista do prêmio máximo do festival pela agremiação nos permitiu perceber a importância dos aspectos visuais para as apresentações de quadrilha, os cenários e as cores das indumentárias se harmonizam para criar elementos estéticos dentro das histórias representadas em quadra. As interações

¹⁰ Evento genuinamente do povo, que saiu do confinamento das regiões periféricas do Rio de Janeiro para a zona sul e pro mundo,

promovidas pelo festival da Globo Nordeste nos permitiu observar, que existe uma procura ascendente para a inovação, a modernização e a atualização da estética junina.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho refletiu sobre as questões históricas que permeiam o imaginário sobre o Nordeste e que influenciaram os festejos juninos e as demais manifestações culturais da região. É neste contexto contemporâneo que as culturas populares, e especificamente a cultura popular nordestina é reinventada numa dialética entre as raízes regionais e os aspectos globais.

A quadrilha junina é representada por grupos que apresentam em suas performances diferentes formas de dançar essa modalidade. Hoje, a quadrilha faz parte do cenário festivo dos meses de junho, julho e até agosto. Suas características sofreram mudanças no conceito artístico, a adequação e atualização deste segmento cultural popular, tomando forma de espetáculo para manter o interesse do público e incentivá-lo a comparecer aos torneios e apresentações.

A conjuntura atual que as quadrilhas juninas adquiriram, fala-se da intenção das mudanças e adaptabilidade das novas propostas juninas gerenciadas pelos quadrilheiros está contida nas suas práticas sociais, onde os interesses são motivados pelas possibilidades de fortalecimento daquilo que acreditam ser a direção que o movimento junino deve seguir. Pode-se dizer que cada modalidade exerce bem o seu papel no cenário cultural, a quadrilha matuta guarda muito bem as tradições vividas em outrora, resgatando costumes e hábitos. Já a estilizada apresenta em suas significações novas conduções e estratégias fundamentais, sugeridas pelo apelo contemporâneo, para o fortalecimento da cultura popular dos festejos juninos, substituindo tradicional por algo que se apresenta como moderno.

O festival da Global está estabelecendo critérios que levam as quadrilhas a desenvolverem figurinos completamente diferentes dos figurinos típicos de anos passados. Com isso, para fazerem parte da competição, os figurinistas estão a cada dia e cada vez mais desenvolvendo peças com características carnavalescas. O que nos permite pensar que gradualmente está havendo uma substituição do artesanato por elementos e materiais industrializados, fazendo as quadrilhas a parecerem escolas de samba na sua evolução brincante. Tais modificações e adaptações nos figurinos e apresentações se dão em decorrência da necessidade em atender as exigências dos regulamentos estabelecidos pelos festivais competitivos.

Pode-se perceber que as festas ditas “populares” adotaram estratégias de sobrevivência na modernidade, utilizando-se dela para sua manutenção e fortalecimento. Neste contexto ver-se desenhado o formato da quadrilha estilizada como um modelo de movimento social na contemporaneidade, ou seja, nunca haverá uma teoria definitiva para os fenômenos dos movimentos sociais. É a festa reatualizada, ritualizada, mas celebrada, ganha novos estilos e concepções, mas segue sendo brilho para os olhos e alegria para os corações nordestinos.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Antônio A. **Patrimônio imaterial e Referências Culturais**. In Patrimônio Imaterial. Revista Tempo Brasileiro, nº 147. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, out-dez. 2001, PP. 129-139.
- BASTOS, Cleverson Leite; KELLER, Vicente. **Aprendendo a aprender**: introdução à metodologia científica. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. Economia das trocas linguísticas: **o que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- BORGES, Adélia. Design + artesanato: **o caminho brasileiro/ Adélia Borges**. – São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- CASTRO, Janio Roque Barros de. **Da casa à praça pública: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano/Janio Roque de Barros de Castro**. – Salvador: EDUFBA, 2012. 340 P. : IL.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand, 1990.
- CHIANCA, Luciana de Oliveira. **A Festa do interior. São João, migração e nostalgia em Natal no século XX**. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2006.
- COSTA, Francisco Araújo da. **O figurino como elemento essencial da narrativa. Sessões do imaginário**. Porto Alegre, n.8, agosto 2002.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. A educação e a nova ordem constitucional. **Revista da Associação Nacional de Educação**, São Paulo, n. 14, p. 15-11, 2009.
- DUARTE, M. T. **Avaliação do teor de nitrito de sódio em linguiças do tipo frescal e cozida comercializadas no estado do Rio de Janeiro, Brasil**. 2010. 86 f. Tese (Doutorado em Higiene e Processamento Tecnológico de Produtos de Origem Animal) – Faculdade de Veterinária, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERNANDES, José Ricardo Oriá Fernandes. Ensino de história e diversidade cultural: **Desafios e possibilidades**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 378-388, set./dez. 2005. (Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n67/a09v2567>)

FONTE, Carla A. **A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significados**. Psicol. teor. prat. [online]. dez. 2006, vol.8, no.2

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

GIL, Antônio Carlos: **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: editora atlas, 2002.

GOMES, Maryvone Moura. Um olhar sobre as festas juninas e seus novos cenários: **O caso do São João de Maracanaú - Região Metropolitana de Fortaleza (RMF, Ceará)** Disponível em: <file:///C:/Users/MarillyaDayse/Desktop/5647-15447-1-PB.pdf>

GONÇALVES, H. A. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. Ed. Avercamp, 2005.

LARA, Marilda Lopes Ginez de; SMIT, Johanna Wilhelmina. **Temas de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.repositoriobib.ufc.br/000005/00000588.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2012.

LEITE, Francisco T.: **Metodologia Científica: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **A fábrica dos sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano**. João Pessoa: Ed. Ideia, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no Pedaco: **Cultura popular e lazer na cidade**/José Guilherme Cantor Magnani. – 2.^a Ed.- São Paulo: Hucitec/Unesp, 1998.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A crise da memória, história e documento: **reflexões para um tempo de transformações**. In. SILVIA, Zélia Lopes da (org.). Arquivos, Patrimônio e Memória: trajetórias e perspectivas. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999, p. 11-29.

MOTTA, Luis Gonzaga. **Teoria e análise da narrativa jornalística**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

MORIGI, Valdir. **Festa Junina Hibridismo cultural**. Cadernos de estudos sociais – Recife, vol. 18, nº2, p.251-266. Jul/dez, 2002. Disponível em:

<http://www.igt.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/10/Festa-Junina-hibridismo-cultural.pdf>

MUNIZ, Rosane. **Vestindo os nus: o figurino em cena**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2004. NERY, Marie Louise. A evolução da indumentária: subsídios para criação do figurino. Rio de Janeiro: SENAC, 2003.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. **Moda também é texto**. Sandra Ramalho e Oliveira. São Paulo: Edições Rosari, 2007.

OLIVEIRA, Pedro Renan de. **Design e artesanato na promoção do luxo contemporâneo: Um estudo de caso do reality Project “A hora do Brasil”**. 2015.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini. **Metodologia da pesquisa: Abordagem Teórico-Prático**. Papirus Editora- São Paulo, 2004.

PALLOTINI, Renata. **Dramaturgia: construção do personagem**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

PAVIS, Patrice: **A análise dos espetáculos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 3-15, 1989.

PORTO ALEGRE, Sylvia. **Mãos de mestre: itinerários da arte e da tradição**. São Paulo: Maltese, 1994.

PROGRAMA do Artesanato Brasileiro. Base conceitual do Artesanato brasileiro. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Brasília, 2012. Disponível em: http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1347644592.pdf. Acesso em: 21 de Setembro de 2014.

RODRIGUES, William Costa: **Metodologia Científica**, 2007.

ROSAS, [Anny Jacqueline Cysne](#). **Sustentabilidade da atividade produtora de água envasada em Fortaleza, CE**. 2008. 186 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

SANT’ANNA, Mara Rúbia. **Teoria de moda: sociedade, imagem e consumo**. São Paulo: Estação das Letras, 2007.

SEBRAE/CE. **Artesanato Cearense: um novo olhar**/Fortaleza, 2013 180 p.

SILVA, Juliana Hermenegildo. Programa São João do Nordeste: **O espetáculo junino e a representação da cultura nordestina nas quadrilhas juninas**. Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste–Natal-RN–2 a 4/07/2015. (Disponível em:

<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1648-1.pdf>)

SILVEIRA Denise Tolfo e GERHARDT, Tatiana Engel: **Métodos de pesquisa** ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOMMA, Nelson Júnior. **Faces do Design 2: ensaios sobre arte, cultura visual, design gráfico e as novas mídias**; Organização Mônica Moura –São Paulo: Edições Rosari, 2009.

TARAPANOFF, K. Educação corporativa. In: Congresso iberoamericano de gestão do conhecimento e inteligência competitiva, 1., 2006, Curitiba. **Palestras...** Curitiba: CIETEP, 2006. Disponível em: <<http://www.gecic.com.br>>. acesso em: 22 out. 2006.

ZARANTIM, Samuel Ribeiro: **Quadrilhas juninas em Goiânia: novos sentidos e significados** [manuscrito] / Goiás: SamuelRibeiro Zaratim, 2014. Disponível em: https://performancesculturais.emac.ufg.br/up/378/o/DISSERTA%C3%87%C3%83O_SAMUEL_RIBEIRO_ZARANTIM.pdf. Acesso em: 09 abril. 2017

WEBGRAFIA

Blog Junina Babaçu: <http://www.igt.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/10/Festa-Junina-hibridismo-cultural.pdf> (acesso em: 05/05/2016).

Fanpage Junina Babaçu: <https://www.facebook.com/facebabacu/>

Instagram Junina Babaçu: <https://www.instagram.com/juinababacu/>

Fanpage Adriana Dias: <https://www.facebook.com/AdrianaDiasOficial/>

Portal G1: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2014/05/com-tema-destino-quadrilha-cearense-homenageia-santos-juninos.html> (acesso em: 7/05/2016).

Regulamento estático Portal G1:

http://estaticog1.globo.com/2016/04/18/REGULAMENTO_FESTIVAL_LOCAL.pdf (acesso em: 30/06/2017)